

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

DESEMPENHO ESCOLAR DE ALUNOS NEGROS: UM OLHAR PARA AS RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

Iraildes Roberto de Souza*

Nilvaci Leite de Magalhães Moreira **

EIXO 11- Educação e inclusão social.

RESUMO

Este estudo é resultado da pesquisa de conclusão do Curso de Especialização Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira, ofertado pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação/NEPRE, da Universidade Federal do Mato Grosso. O estudo teve como objetivo constatar se as pesquisas realizadas sobre o desempenho escolar de alunos negros têm contribuído para um novo olhar dos professores para as questões raciais na escola. Utilizou-se como coleta de dados a pesquisa bibliográfica, com a utilização da coletânea Educação e Relações Raciais do NEPRE/UFMT de 2007 a 2010. Constatou-se nessas pesquisas que dentro do espaço da escola há práticas discriminatórias, os negros são percebidos de forma negativa tanto intelectual como nas características físicas, e que alguns professores já vem apresentando nova postura.

Palavras chaves: Desempenho escolar- crianças negras- relações raciais

ABSTRACT

This study is the result of survey completion of the Specialization Course Race Relations and Education in Brazilian Society, offered by the Center for Study and Research on Race Relations and Education / NEPRE, Federal University of Mato Grosso. The study aimed to ascertain whether research on the academic performance of black students have contributed to a new look from teachers to racial issues in school. Was used as data collection literature, using the collection of the Education and Race Relations NEPRE / UFMT 2007 to 2010. It was found in these studies that within the space of the school's discriminatory practices, blacks are perceived in a negative way both intellectual and physical characteristics, and that some teachers have been presenting new position.

Keywords: Performance-school children-black race relations

* Professora da Educação Básica da rede de ensino de Cuiabá/MT. iraildes.souza@gmail.com

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato grosso. Professora da Educação Básica da rede de ensino de Cuiabá/MT. nilvacimagalhaes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa trata de questões relativas ao tema “Desempenho escolar de alunos negros: um olhar para as relações raciais na escola” , que tem como finalidade constatar se as pesquisas realizadas pelo NEPRE/UFMT sobre o desempenho escolar de alunos negros têm contribuído para um novo olhar dos professores sobre o fenômeno da discriminação e preconceito racial no contexto escolar.

O interesse desta pesquisa consolidou a partir da participação no curso de extensão e de especialização ofertado pelo NEPRE em 2005 e 2010 a qual nos despertou para essa problemática, permitindo-nos a um novo olhar para as questões raciais no cotidiano da escola, a mudança de postura e no exercício da nossa prática pedagógica.

Para a realização desta pesquisa, se fez um breve histórico sobre o núcleo de pesquisa em seus dez anos de existência, considerando os estudos realizados no Estado de Mato Grosso. O NEPRE é um Grupo de Pesquisa, fundado em 2002, registrado no Diretório Nacional dos Grupos de Pesquisa do CNPQ, vinculado ao Instituto de Educação e Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem como objetivo a produção de estudos e pesquisas sobre a temática das relações raciais e educação com vistas a contribuir para a transformação dessa realidade.

Nessa linha, O NEPRE vem oferecendo desde 2003, formação continuada sobre a Lei 10.639/03, cursos de extensão, cursos de especialização nas modalidades presencial e à distância com o intuito de formar professores e gestores em educação da rede de educação básica, para atendimento das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Busca ainda oferecer subsídios aos professores para o ensino da História e Cultura afro-brasileira, tendo como foco a implementação da Lei nº 10.639/03.

Atualmente vem desenvolvendo curso de especialização à distância para 23 turmas, com aproximadamente 520 alunos, distribuídas em 17 polos, localizadas nos municípios de: Alta Floresta, Barra dos Bugres, Cuiabá, Cáceres, Diamantino, Guarantã do Norte, Juara, Juína, Lucas do Rio Verde, Pontes e Lacerdas, Primavera, São Félix do Araguaia, Sinop, Sorriso, Rondonópolis, Ribeirão Cascalheira e Várzea Grande.

A partir da proposta do NEPRE, em 2006 a disciplina Educação das Relações Étnicorraciais passou a integrar a grade curricular do Curso de Pedagogia, deixando de ser optativa. O núcleo vem realizando eventos como Seminário Educação em 2002, com o tema

“Relações Raciais e Educação: cidadania e diversidade no século XXI; em 2003, o Seminário “Desigualdades Raciais no Brasil: da abolição da escravatura até os dias atuais”; em 2010 “Colóquio Gênero, raça, classe e geração na pesquisa em educação”; em 2011, Seminário Educação “Educação e Relações Raciais: Dez anos de estudos e pesquisas na UFMT”. Realiza ainda as Jornadas Desigualdades Raciais na Educação Brasileira, com a sua VII edição em 2012.

A metodologia utilizada teve abordagem qualitativa tendo como coleta de dados a pesquisa bibliográfica, com a utilização da coletânea Educação e Relações Raciais do NEPRE/UFMT com publicação de 2007 a 2010. O acervo conta com um total de 16 volumes, porém para esta pesquisa foram utilizadas apenas 05, as quais destacaram a contribuição dos autores: Santos (2007); Pinho (2007); Soares (2007); Gonçalves (2007) e Alexandre (2010) aos quais tiveram como recorte a influência do preconceito e da discriminação racial no desempenho de crianças negras.

Ainda nesse grupo e nessa vertente, outros autores trazem contribuições relevantes na perspectiva de apontar os fatores que contribuem para encaminhar os alunos negros ao fracasso escolar, e também revelar as desigualdades existentes no campo educacional como: Jesus (2010); Guimarães (2010); Torres (2008); Aiza (2007); Sousa Torres (2007); Souza (2007); Amorim (2007); Lando (2007); Santos (2007); Castro (2007), e encontra-se em processo de lançamento para o ano de 2011, os livros dos autores Edemar Monteiro, Yandra Firmo, Márcia Boni, Maria das Graças Campos, Willian de Paula e Carmen Cinira Siqueira.

Vale lembrar que, durante seus dez anos de estudos e pesquisas o Nepre publicou várias obras importantes como o primeiro número do *Documenta NEPRE* um fascículo *Cadernos Nepre*, trazendo como primeiro volume em 2005: “*Trabalhando as diferenças no Ensino Fundamental*”, dedicado ao Curso de Extensão realizado em novembro de 2004 a julho de 2005, que teve como objetivo preparar técnicos de educação e professores das redes de ensino de Cuiabá, Várzea Grande e Santo Antônio do Leverger para a implantação da lei 10.639/03. Em 2006 houve outra publicação trazendo em seu bojo um conjunto de relatos e, ou experiências de alunos e professores do Curso de extensão *Trabalhando as Diferenças na Educação Básica – Lei 10.639/03 no município de Cuiabá*, realizado em 2005. Destaca ainda o livro “Educação e Diferenças: Os desafios da Lei 10.639/03 (2009); Educação: Diferenças e Desigualdades (2006); Coleção *Trabalhando as Diferenças em Mato Grosso* (2006), *Cadernos NEPRE: Além das publicações*, foi elaborado um DVD *Eu Sou Assim*, fruto da parceria com pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (Penesp, Laboratório de estudos sobre escola e família e Faculdade de Cinema da UFF; financiado pelo CNPq.).

Os censos que coletam dados referentes às desigualdades raciais em nosso país, aos quais são fontes importantes para o meio científico, também foram utilizados neste contexto, como forma de enfatizar que a situação da população negra ainda é bastante preocupante, o que se torna um grande aliado para muitos pesquisadores na busca pela qualidade em sua pesquisa. Estudos do Instituto de Pesquisa e Estatística Aplicada (IPEA) nº 66: PNAD 2009 mostra que as diferenças entre negros e brancos na educação ainda permanece firme. Segundos os dados de 1992 a 2009, o analfabetismo na população de 15 anos ou mais é de 9,7%, sendo que a diferença entre branca negra é de 5,9% contra 13,4%. Ainda destaca neste estudo que no quesito cor/raça observa-se que os negros têm menos 1,7% ano de estudo, em média, que os brancos. Nessa amostra podemos concluir que a população negra é mais analfabeta que a população branca, e que provavelmente essa deficiência é fruto do baixo desempenho escolar das crianças desde a infância.

O 2º Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2009-2010 feito pelo Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laeser), instituto ligado ao Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ), aponta dos 6,8 milhões de analfabetos em todo o país que frequentam ou tinham frequentado a escola entre 2009 e 2001, 71,6% são pretos e pardos. O relatório destaca ainda que em 2008, das crianças entre 6 e 10 anos, 45,4% não estudava na série adequada e que entre os brancos este percentual era de 40,4%, e entre os pretos e pardos, alcançava quase metade do contingente. Em relação a repetência e ao abandono escolar, os dados se tornam ainda pior, pois entre as crianças de 11 e 14 anos, 55,3% dos jovens não estudavam na série correta sendo que entre os jovens brancos este percentual era de 45,7% e os jovens pretos e pardos chegava a 62,3%. Esses dados vêm reforçar o que os estudos vêm apontando sobre a disparidade entre negros e brancos no âmbito educacional, bem como reafirmar os resultados das pesquisas feitas pelo NEPRE nas escolas de Mato Grosso.

Constatou-se nos estudos realizados pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Relações Raciais e Educação-NEPRE que dentro do espaço da escola evidenciam práticas discriminatórias, em que os negros são percebidos de maneira negativa tanto na dimensão intelectual como nas características físicas, aos quais as ações de exclusão são concretizadas nas relações sociais entre os alunos, nos apelidos pejorativos, nas atitudes de discriminação e preconceito praticadas de forma consciente ou inconsciente pelos professores, na omissão da escola, que de alguma forma findam no comprometimento do desempenho escolar dos alunos negros.

Em estudo realizado por Vilma Pinho em 2007, a qual tratou das relações que professores de Educação Física, na prática pedagógica, estabelecem com os alunos negros, detectou que ainda há percepções estruturadas em crença ideológicas que se encontram arraigadas no imaginário social, e que conforme as declarações das condutas dos professores revelaram o quanto suas atitudes estão baseadas em estereótipos negativos de negros e no preconceito racial.

Assim, a autora sintetiza:

Na pesquisa pôde-se constatar: associação das alunas negras à promiscuidade e degenerescência social; desvalorização das potencialidades dos alunos; associação dos alunos dos bairros periféricos à anomia social; coisificação da criança negra; relações afetivas estabelecidas apenas com crianças brancas e muito raramente com as pardas; rejeição às alunas negras. Na percepção dos professores os alunos negros são danados, revoltados, agressivos, violentos; são dados a “coisas erradas” como sexo, drogas e formações de gangues, são estigmatizados como incapazes, de comportamentos perversos e desinteressados para as coisas da escola. (Pinho, 2007 p. 79)

Desta forma podemos observar que a visão desses professores em relação à criança negra é um forte elemento de disseminação da discriminação e do preconceito racial no espaço da escola, pois sabemos que as aulas de Educação Física são instrumentos importantes para o desenvolvimento da socialização e inclusão, como também contribui na construção cultural e da identidade da criança negra. Cabe assim destacar que provavelmente uma criança negra que é tratada dessa forma no ambiente escolar, poderá ter seu desempenho comprometido.

Alexandre (2010) em seu estudo sobre as relações raciais no ambiente escolar do ensino fundamental de uma escola pública municipal da cidade de SINOP, com enfoque nas interações entre alunos negros e não negros de uma 4ª série, traz alguns apontamentos da existência de atitudes e percepções racistas em relação à criança negra. Para o contexto da sua pesquisa, na primeira fase a autora realizou a auto classificação utilizando como parâmetro a categoria de cor do IBGE, no segundo momento utilizou de entrevista com perguntas abertas com 10 pais, sendo 5 de alunos pretos e 5 de alunos pardos; 3 professores, 1 coordenadora pedagógica e 1 orientadora educacional. Como resultado de sua pesquisa, a autora constatou que os alunos antes se classificaram como pretos, depois migraram para pardos, evidenciando um desejo pelo branqueamento, a qual a autora considera que isso ocorre em função da escola ainda ser centrada nos padrões que valorizam a cor branca.

Em relação à prática pedagógica: professor x aluno, a autora destacou que ficaram evidentes as relações de superioridade entre alunos, quer seja pela pele mais clara, quer por

ser o preferido dos professores ou por depreciações verbais, e que durante as suas observações, os docentes não pronunciaram em relação à atitude discriminatória que os alunos apresentaram em sala de aula. Em relação aos pais sobre a presença da discriminação, a maioria reconheceu sua existência tanto na sociedade quanto na escola, e sentem incomodados tanto eles como os filhos com os xingamentos e estereótipos, mas não cobra da escola uma ação pontual para os comportamentos discriminatórios. Dessa forma, a autora conclui que:

[...] os alunos negros são vítimas de estigmas e estereótipos no interior da escola, o que influencia, sobremaneira a sua identidade, pois a auto-aceitação também depende das representações que os outros têm de si [...] É preciso investir em propostas didáticas que envolvam a escola e a família para que juntas, possam pensar em uma socialização mais tenra, afetuosa e de respeito entre os alunos. (ALEXANDRE, 2010 p. 82 e 83).

Santos (2007) em sua pesquisa de estudou as relações entre negros e não negros no contexto escolar, apontando as multiplicidades dos tipos e situações de discriminação racial que marcam as interações aluno-aluno. Constatou em seu estudo sobre identidade, que há a existência de um conflito entre alunos, em que cor/raça é manipulada nas relações com teor valorativo, sugerindo que conforme a cor e a raça se tem maior ou menor valor no grupo. Em relação ao cotidiano escolar, tendo como primeiro cenário o recreio, analisou que para os negros, o cotidiano escolar é mais difícil, vivenciam um contexto marcado por preconceitos e discriminação racial. Eles se veem obrigados a viver sob o signo das ideias de inferioridade a respeito de seu pertencimento racial, que perdura no espaço e tempo das relações estabelecidas na escola. A autora assim destaca como considerações da sua pesquisa:

Nas relações entre os alunos, foi possível identificar, que a ideia hierárquica de raça passa a ser vivenciada naturalmente no cotidiano das interações entre negros e não negros e faz com que nessa relação, os indivíduos do segmento branco usufruam um ambiente escolar mais favorável e menos difícil para a sua inserção na escola. Para os negros, o cotidiano escolar é mais difícil, vivenciam um contexto marcado por preconceitos e discriminação racial. Eles veem obrigados a viver sob os signos das ideias de inferioridade a respeito de seu pertencimento racial, que perduram no espaço e tempo das relações estabelecidas na escola. (SANTOS, 2007, p.79).

Nesse sentido, constata-se que as nossas escolas vêm pouco agindo na construção das identidades, possibilitando que crianças negras tenham referências positivas de si, e que as crianças brancas saibam conviver e respeitar as diferenças, mantendo boas interações no ambiente escolar e fora dele. Gonçalves (2007) em sua pesquisa “Tia, qual é meu desempenho? Percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros”

apresenta que há a negação por parte de muitos professores em relação a presença de atitudes negativas contra alunos negros na escola, a qual atribuem que os problemas que vem interferindo no baixo desempenho dos alunos é de ordem socioeconômica e familiares.

Assim a autora destaca:

Foi possível, através da realização desta pesquisa, verificar o impacto da questão racial nas relações que se estabelecem no cotidiano e no desempenho escolar. Os alunos recebem tratamentos diferenciados desde a sua entrada na escola: através do descaso manifesto pelo professor, pelo não reconhecimento do aluno em suas potencialidades, penalizando-o por meio de castigos e punições variadas, como comentários negativos sobre suas famílias, e, ainda, pela utilização de força física. Todos esses processos podem dificultar e/ou compreender o desempenho dos alunos. (GONÇALVES, 2007, p.74)

Tomando por base essa conclusão, podemos dizer que um dos desafios enfrentados pelas crianças negras dentro da escola é o não reconhecimento por parte dos professores da existência do preconceito racial e do descrédito em relação á suas potencialidades.

Ainda para contribuir nessa questão, Soares (2007) em sua pesquisa “O negro no livro didático de língua portuguesa: imagens e percepções de alunos e professores”, a qual buscou investigar percepções de alunos e professores do Ensino Fundamental sobre as situações de discriminação raciais veiculadas pelos livros didáticos de Língua Portuguesa adotada para alunos de 5^a a 8^a séries, observou que tanto os professores como os alunos percebem e lidam diferentemente com conteúdos ideológicos, com imagens distorcidas, aos quais os negros ainda são trazidos em posições inferiores. A autora afirma que:

O estudo das percepções de alunos e professores evidenciou uma contradição instaurada no contexto escolar. Os alunos, embora nem sempre reconheçam esses conteúdos como discriminatórios, identificam-nos e utilizam-nos com fins de depreciar os colegas. Contam, nessas práticas com a convivência da escola. Sabem que, as atitudes discriminatórias às quais chamam de “brincadeira” no espaço escolar, podem lhes gerar implicações indesejáveis caso sejam praticadas em outros espaços. Por outro lado, os sujeitos docentes ignoram-nos e negam sua existência, demonstrando uma significativa insensibilidade para a percepção desses conteúdos no principal recurso utilizado no processo educativo escolar. (SOARES, 2007, p.90 e 91)

Para tanto, a partir desses estudos ficaram evidentes que há uma necessidade urgente da escola trazer à tona discussão sobre relações raciais em seus espaços, como forma de informar e formar seus agentes na busca pelo rompimento de paradigmas, propiciando um tratamento igualitário para alunos negros e não negros, buscando assim a elevação do seu

desempenho escolar. Diante dos resultados obtidos pelas pesquisas realizadas, o NEPRE vem realizando cursos de extensão, aperfeiçoamento e de especialização para professores como forma de reparar os erros cometidos pela escola em relação ao seu fazer pedagógico, buscando amenizar e ou erradicar o fenômeno do preconceito e da discriminação racial que tanto vem excluindo alunos negros dos espaços escolares.

Percebe-se que em algumas instituições escolares, já apresentam mudanças no trabalho pedagógico, na postura dos professores, no olhar para o livro didático e para o currículo, no tratamento e no cuidado com as relações raciais no universo escolar, tendo em vista a apresentação de novas percepções e concepções desses profissionais como resultado das formações.

CONSIDERAÇÕES

Sabemos que a trajetória das relações raciais entre negros e brancos na sociedade brasileira, sempre foram marcadas por situações desagradáveis de preconceitos e discriminações, onde a população negra sempre foi atingida por uma densa desigualdade social, fruto de ideias racistas que enraizaram na mente das pessoas. Ao observar os resultados das pesquisas e concebendo a escola enquanto espaço de sociabilização e de construção de conceitos, o universo das crianças negras se torna extremamente preocupante. Infelizmente ainda temos que conviver em nossa sociedade com posturas preconceituosas, que denigrem e desvaloriza o negro, e principalmente interfere na sua vida escolar.

O silêncio da escola em relação aos conflitos raciais existente em seu cotidiano fortalece o preconceito e a discriminação que vai além de seus muros. Essas situações somadas a um conjunto de condições escolares como a falta de formação de professores sobre a temática, ausência do negro nos livros didáticos, a descontextualização do currículo, a preferência pelas crianças brancas, o não reconhecimento pelas potencialidades das crianças negras podem influenciar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, comprometendo seu desempenho educacional, apontando-lhes de forma consciente ou inconsciente seus lugares na sociedade.

A partir deste estudo percebemos a importância dos estudos e pesquisas do NEPRE na Universidade Federal de Mato Grosso, visto que as pesquisas realizadas até o presente momento vêm contribuindo para que os profissionais da educação revejam suas práticas pedagógicas, possibilitando a escola repensar sobre sua verdadeira função social frente a essa

problemática, e a necessidade de um trabalho conjunto: Profissionais da Educação, Pais, Conselho Escolar Comunitário e Secretaria de Educação no desenvolvimento de ações no combate ao preconceito racial no espaço escolar, buscando garantir o acesso e permanência do aluno negro na escola, como também a usufruir de direitos iguais. Cabe aqui destacar a importância dessa equipe de pesquisadores em estar desenvolvendo esse trabalho, esclarecendo e encorajando muitos outros profissionais a debater e a perceber que precisamos de um novo projeto de nação com vistas à igualdade racial.

Percebemos que as discussões trazidas nesses estudos só vêm acrescentar na sensibilização dos educadores para a adoção de estratégias que visem um ensino de qualidade, possibilitando a inclusão de todos, com fins no respeito à diversidade que há no interior da escola, como também estar concebendo a lei 10.639/03 como instrumento valioso no combate as atitudes preconceituosas e discriminatórias contribuindo na superação das desigualdades raciais na educação brasileira.

REFERENCIAIS

ALEXANDRE, Ivone de Jesus. *Relações Raciais: um estudo com alunos, pais e professores*. Cuiabá: AdUFMT, 2010.

CAVALLEIRO, E. *Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

COSTA, Cândida Soares da. *O Negro no Livro Didático de Língua Portuguesa: Imagens e Percepções de Alunos e Professores*. Coleção Educação e Relações Raciais, vol. 3. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. *Tia, qual é meu desempenho? Percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros*. Coleção Educação e Relações Raciais, vol. 7, Cuiabá: EdUFMT, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *Trabalhando as Diferenças no Ensino Fundamental.* / Maria Lúcia R. Muller (Org.). Cadernos NEPRE- - v. 01, nº 01 – (jan-jun/2005) Cuiabá: EdUFMT, 2005, p. 7 e 8.

SANTOS, Ângela Maria dos. *Vozes do Silêncio do Cotidiano Escolar: as relações raciais entre alunos negros e não negros.* Coleção Educação e Relações Raciais, vol4, Cuiabá: EdUFMT, 2007.

SILVA, Jr. Hélio. *Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais.* Brasília: UNESCO, 2002.

PEREIRA, Rosângela Saldanha. In Muller, Maria Lúcia Rodrigues (org.) *Trabalhando as Diferenças no Ensino Fundamental: Diferenças e Desigualdades.* Cuiabá: EdUFMT, 2006, Vol. 3

PAIXÃO, Marcelo & CARVANO, Luis M. (orgs.) *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2009-2010.* Rio de Janeiro: Garamond.

PINHO, Vilma Aparecida de. *Relações raciais no cotidiano escolar: percepções de professores de educação física sobre alunos negros.* Coleção Educação e Relações Raciais, 9, Cuiabá: EdUFMT, 2007.